

A ECONOMIA SOCIAL – ESPERANÇAS E OPORTUNIDADES PARA O DESENVOLVIMENTO

Eduardo Graça *

O convite que sempre me honra para colaborar nesta prestigiada publicação deve-se, certamente, ao meu interesse pessoal, e empenho profissional, no tema da Economia Social (ES) e talvez valha a pena insistir na definição do seu conceito já assinalado em anterior artigo, pelo facto da persistência da “invisibilidade” do setor, em minha opinião, não diminuir a sua importância económico-social e o seu papel para o desenvolvimento.

A Economia Social é um “Conjunto de empresas privadas, organizadas formalmente, com autonomia de decisão e liberdade de adesão, criadas para satisfazer as necessidades dos seus membros através do mercado, produzindo bens e serviços, assegurando o financiamento, onde o processo de tomada de decisão e distribuição de benefícios ou excedentes pelos membros não estão diretamente ligados ao capital ou quotas de cada um, correspondendo a cada membro um voto.

A Economia Social agrupa também as entidades privadas organizadas formalmente, com autonomia de decisão e liberdade de adesão, que produzem serviços não mercantis para as famílias e cujos excedentes, quando existem, não podem ser apropriados pelos agentes económicos que os criam, controlam ou financiam.”¹

A ES é uma realidade com forte tradição, enraizada nas comunidades e territórios, como o comprova, por exemplo, a história das Misericórdias portuguesas, fundadas ainda no Século XV, e a das Caixas de Crédito Agrícola Mútuo, criadas vai para mais de cem anos, que se modernizaram e consolidaram a partir da livre iniciativa dos cidadãos, persistindo e resistindo às adversidades e demonstrando capacidade para se adaptarem aos desafios de vários tempos históricos, o que lhes augura futuro.

Sabemos, por experiência própria e alheia, aos níveis nacional e internacional, que a ES, e suas organizações, dispõem de um enorme potencial para contribuir, apoiadas nos seus princípios, tradição e enraizamento na sociedade, para o desenvolvimento da economia, criando emprego e promovendo a coesão e a responsabilidade sociais.

A propósito permitam-me que, à semelhança do que escrevi em anterior artigo publicado nesta revista, refira um poderoso aliado dos valores e princípios da ES, num contexto mais vasto, cuja voz tem audição à escala global, como uma nova esperança: a palavra e ação do Papa Francisco.

Para os crentes, e não crentes, a sua palavra é um bálsamo que não só atenua as dores provocadas pelas debilidades do pensamento humanista, como alimenta a coragem dos defensores das causas da liberdade, da cooperação e da solidariedade.

Voltando ao documento programático “Exortação Apostólica - *Evangelii Gaudium*”, de novembro de 2013, o Papa Francisco enuncia um de quatro princípios relacionados com tensões bipolares próprias de toda a realidade social, **“O todo é superior à parte”** e aborda a questão do desenvolvimento nas suas diversas vertentes:

234. Entre a globalização e a localização também se gera uma tensão. É preciso prestar atenção à dimensão global para não cair numa mesquinha quotidianidade. Ao mesmo tempo convém não

perder de vista o que é local, que nos faz caminhar com os pés na terra. As duas coisas unidas impedem de cair em algum destes dois extremos: o primeiro, que os cidadãos vivam num universalismo abstrato e globalizante, miméticos passageiros do carro de apoio, admirando os fogos-de-artifício do mundo, que é de outros, com a boca aberta e aplausos programados; o outro extremo é que se transformem num museu folclórico de eremitas locais, condenados a repetir sempre as mesmas coisas, incapazes de se deixar interpelar pelo que é diverso e de apreciar a beleza que Deus espalha fora das suas fronteiras.

235. O todo é mais do que a parte, sendo também mais do que a simples soma delas. Portanto, não se deve viver demasiado obcecado por questões limitadas e particulares. É preciso alargar sempre o olhar para reconhecer um bem maior que trará benefícios a todos nós. Mas há que o fazer sem se evadir nem se desenraizar. É necessário mergulhar as raízes na terra fértil e na história do próprio lugar, que é um dom de Deus. Trabalha-se no pequeno, no que está próximo, mas com uma perspetiva mais ampla. Da mesma forma, uma pessoa que conserva a sua peculiaridade pessoal e não esconde a sua identidade, quando se integra cordialmente numa comunidade não se aniquila, mas recebe sempre novos estímulos para o seu próprio desenvolvimento. Não é a esfera global que aniquila, nem a parte isolada que esteriliza.

Que outra realidade melhor do que a da ES para conceber e dar corpo a respostas que correspondam a esta magnífica reflexão? Na verdade, quais são os princípios adotados pela ES, setor fundado na vontade livre dos cidadãos no qual se discute o próprio conceito, mantendo, no entanto, em comum um conjunto de princípios distintivos:

- Primado da pessoa e do objeto social sobre o capital;
- Adesão voluntária e livre;
- Controlo democrático pelos seus membros;
- Defesa dos princípios de solidariedade e responsabilidade;
- Autonomia de gestão e independência face aos interesses públicos;
- Afetação dos excedentes a objetivos como o desenvolvimento sustentável, melhoria dos serviços prestados aos próprios membros e ao interesse geral.

A ES é um conglomerado económico/social que na União Europeia contribui para mais de 7,5% do emprego remunerado total (5,5% em Portugal, 2010) mostrando que, no caso de Portugal, existe uma margem de crescimento, referindo-me ao potencial de criação de emprego remunerado, muito elevada para não referir ao enorme potencial de crescimento do voluntariado.

Fazendo uma aproximação ao contributo da ES para o desenvolvimento deixo-vos algumas palavras-chave que me assaltam o pensamento quando reflito acerca do papel deste setor no futuro e das suas vantagens comparativas face aos setores público e privado dos meios de produção.

REDE – A ES é uma rede, tecida de mil elos, que se entrelaçam, através de pessoas que se organizam, se auto organizam, com ou sem apoio público, para enfrentar e superar, situações de carência, relativa ou absoluta, encontrando saídas e soluções, superando obstáculos e problemas da vida individual, familiar ou comunitária.

COMUNIDADE – a ES está inserida nas comunidades locais e regionais confundindo-se com a sua geografia física e humana. Está próxima dos cidadãos, é mais flexível na ação do que as organizações do setor público descentralizado e, paradoxalmente, do que muitas empresas privadas, agindo, em fidelidade aos seus princípios fundadores, de forma livre e desinteressada.

COOPERAÇÃO E SOLIDARIEDADE – São as palavras baluartes que encerram os valores que norteiam a ES e que, mais tarde ou mais cedo, serão incorporados, de forma efetiva, num novo modelo emergente da organização económico-social das sociedades.

O aumento sistemático das desigualdades entre grupos sociais no interior de um mesmo país, e entre as populações dos diversos países, ou seja, o aumento maciço da pobreza em sentido relativo, tende não só a minar a coesão social – e, por este caminho, põe em risco a democracia –, mas tem também um impacto negativo no plano do desenvolvimento económico-social com a progressiva corrosão do “capital social”, isto é, daquele conjunto de relações de confiança, de credibilidade, de respeito das regras, indispensáveis em qualquer convivência civil.

Ao lado da empresa privada orientada para o lucro e dos vários tipos de empresa pública, devem poder radicar-se e exprimir-se as organizações da ES que prosseguem fins mutualistas e sociais, vocacionados para a produção de bens e serviços transacionáveis e/ou para a persecução de fins filantrópicos. Do seu recíproco confronto no mercado, pode esperar-se uma espécie de hibridização dos comportamentos de empresa, consequentemente, uma atenção sensível à civilização da economia.

Assim, o modelo futuro da organização económico-social das nossas sociedades, se não nos deixarmos capturar pelos acontecimentos do curto prazo, e suas consequências por vezes dolorosas na vida das famílias e das organizações, incorporará, inevitavelmente, em prol do desenvolvimento sustentável, de forma nova, mais expressiva e pujante, os valores que são a marca distintiva da ES e que podemos resumir naquelas duas palavras: cooperação e solidariedade.

Não creio nem na inevitabilidade da pobreza, nem na perdurabilidade da riqueza. Todos os mundos se cruzam, ora acentuando os fatores de exclusão, extremando-se os campos nos quais se acantonam os seus arautos, ora aproximando-os quando pela ação da natureza, ou do homem, se encontram pobres e ricos fazendo frente aos dramas da condição humana.

Só somos verdadeiramente autênticos quando formos capazes de refletir, coletivamente, acerca dos novos caminhos e das novas oportunidades, que em cada época se abrem diante dos nossos olhos. Seremos então capazes, por entre diferenças e desigualdades, de descobrir as virtualidades de alguns conceitos que asseguram a esperança do sucesso da luta contra as injustiças que se escondem por detrás da pobreza e da desigualdade.

Não que acreditemos num mundo sem diferenças, e na igualdade como ideal que conduz à felicidade, pois a experiência histórica se encarregou de nos desiludir acerca da bondade absoluta desse caminho. Mas porque acreditamos que é possível lutar, com realismo, pela igualdade de oportunidades, pela ética na gestão das empresas e das instituições, em liberdade e com responsabilidade.

Pela parte que nos toca, pretendemos tão-somente reafirmar a convicção de que a nossa época, portadora de uma crise profunda do sistema económico e financeiro, tendo revelado, de forma brutal, uma crise de consciência e de valores, é também uma época de novas esperanças e oportunidades para o desenvolvimento humano. E por isso damos testemunho.

* Economista

¹ *Centre International de Recherches et d'Information sur l'Economie Publique, Sociale et Coopérative*
CIRIEC, 2006